

ANDRÉA DE ARAUJO NOGUEIRA

andreaan@cpf.sescsp.org.br

CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO DO SESC. HISTORIADORA E DOUTORA EM
CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES/USP), BRASIL

CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO DO SESC: O PAPEL DAS PARCERIAS NA COMPOSIÇÃO DOS SABERES

RESUMO

Em meio às recentes mudanças econômicas e à relativa generalização das novas tecnologias midiáticas, que possibilitou não só o acesso a milhares de pessoas a diferentes bens de consumo, mas também a produção e a circulação de uma infinidade de práticas e produções culturais, uma sensível forma de atuação cultural se desenha na contemporaneidade, contribuindo para difundir inúmeras manifestações culturais na periferia das grandes cidades. Sob a perspectiva de Michel de Certeau, a formação de profissionais que atuam em toda a extensão da vida social, centrada na cultura no plural (Certeau, 1995), deverá, então, estar atenta e conectada a esta sociedade cada vez mais complexa e criativa. Nessa perspectiva, o Sesc criou em 2012 o Centro de Pesquisa e Formação, voltado a pensar a gestão cultural por meio de cursos e pesquisas nesse campo. Desse modo, pretende-se compartilhar a experiência da confecção do *workshop* Espaços de Memória e Cultura, realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc em parceria com o Museu da Pessoa e o Musée de La Civilisation, Québec, Canadá, nos anos de 2015 e 2016, no qual participaram gestores culturais de 10 instituições culturais da cidade de São Paulo, sob o eixo norteador da Museologia Social, com o objetivo de refletir sobre as práticas culturais contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura; parcerias; museologia social

A perspectiva da ação cultural enquanto trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social (Certeau, 1995), promove inúmeras reflexões fundamentais para os profissionais que atuam na área da cultura, e se relaciona à raiz das iniciativas contemporâneas que pretendem

romper com o isolamento das certezas e dos processos consagrados na atuação da gestão cultural. É sobre o olhar em busca da sistematização de uma intensa experiência vivida por diversas equipes de gestores culturais na cidade de São Paulo, no Brasil, que essa reflexão se apresenta.

A mobilização, ainda escassa diante da dimensão populacional, mas que se efetiva na constituição de grupos, associações e coletivos de dimensões e objetos variados, e que se desdobra nas manifestações culturais da periferia das grandes cidades, como saraus literários, bibliotecas e salas de cinema, relaciona-se a uma sociedade cada vez mais complexa e criativa, em que a compreensão do papel das políticas culturais deveria “trabalhar junto com o que já acontece em cada lugar, possibilitando uma melhor circulação de informações e contribuindo para a ampliação de horizontes de maneiras de fazer arte, que foram criadas muitas vezes aos trancos e barrancos (ou dentro dos barracos)”, segundo o antropólogo Hermano Viana (2013).

Podemos perceber que esses projetos e iniciativas colaborativas, centrados nas questões da sustentabilidade, ampliação de acesso e diversidade das linguagens culturais originados nas grandes cidades, anseiam romper o isolamento cultural em meio à crescente insatisfação com as ausências e/ou fragilidades das políticas públicas dedicadas à segurança, acessibilidade, mobilidade urbana, às atividades de lazer e do tempo livre, conceito reavaliado na atualidade, diante das novas formas de relações do trabalho¹.

Frente à cena que se apresenta, de que maneira as organizações do campo da cultura (tais como museus e centros culturais) poderão se adequar a este novo contexto e repensar a lógica da mediação cultural? De que modo a presença dessas novas formas de ações culturais coletivas, aliada à transformação nos eixos de produção e circulação dos produtos culturais com as novas mídias, reelaboram novos percursos para a difusão/integração de novos valores que provêm da própria sociedade?

Lembrando a famosa frase de William Gibson, que diz que o “futuro já chegou, só não está uniformemente distribuído”, como equacionar um novo ou possível pensar e fazer cultural, no plural, como nos instiga Certeau (1995), diante dos novos caminhos da globalização e das questões de desenvolvimento social que de modo recorrente permanecem a nos produzir angústias pelo seu desequilíbrio?

¹ Segundo a pesquisa nacional “Públicos de Cultura”, organizada em 2013 pelo Sesc e Fundação Perseu Abramo, 31% dos brasileiros desenvolvem trabalhos remunerados nos finais de semana. Retirado de www.sesc.com.br/portal/site/publicosdecultura

Uma opção presumível e que esteve sempre às nossas mãos em seu imenso potencial, é o da sociabilidade. Enquanto característica inerente à natureza humana, “seu desenvolvimento e aplicação só é possível mediante sua aprendizagem e exercício em contextos sociais propícios”, menciona o professor Victor Ventosa (s.d.). Uma sociabilidade voltada ao desenvolvimento da cidadania, na perspectiva do desenvolvimento humano.

Essa é a relação que o Serviço Social do Comércio – Sesc, em seus 70 anos de existência, cultiva, ao buscar integrar indivíduos e grupos de diferentes idades e estratos sociais ao universo artístico cultural, acendendo a curiosidade, almejando um “algo mais” que nos preencha, que nos leve a “fazer sentido” existencialmente, envolvido no reconhecimento e na fruição.

É, ainda, um trabalho efetivamente humano, no sentido de que somos seres comunitários e interdependentes, em relação constante para seguir com o processo civilizatório, aprimorando-o e, conseqüentemente, aprimorando-nos. E atuar na área cultural nos remete às palavras de Gilberto Gil (2003) “a Cultura [funciona] como usina de símbolos de um povo. Cultura como conjunto de signos de cada comunidade e de toda a nação. Cultura como o sentido de nossos atos, a soma de nossos gestos, o senso de nossos jeitos”.

Um conceito de cultura que reflete a instância política que a sociabilidade proporciona. Foi então a partir de uma amálgama de desejos que emergiu no Sesc um intenso estudo sobre os espaços e cursos voltados à formação e qualificação de profissionais ligados ao campo da cultura², em diversas realidades nacionais e estrangeiras, o que levou a instituição, em agosto de 2012, a criar o Centro de Pesquisa e Formação – CPF, estimulado pelo olhar educador de Danilo Santos de Miranda, Diretor Regional do Sesc em São Paulo.

O CPF, eixo de nossa análise, possui a intenção de proporcionar o estudo da cultura, não só nas suas especificidades – lembrando Gombrich (1994) – mas que amplie os inúmeros vetores que envolvem os campos da educação e da cultura e de suas mediações, compreendendo três núcleos de ação: pesquisa, formação e difusão, que atuam de modo interligado:

² Como exemplo do cenário nacional sobre a qualificação dos gestores culturais, dados recentes da pesquisa sobre o Perfil dos Trabalhadores da Cultura do Distrito Federal (2016) apontam que mesmo que 80% dos entrevistados considerem muito importante se capacitar, apenas 45% o fizeram no último ano. A ausência de recursos, financiamentos e ofertas integram as dificuldades para a participação dos mesmos (Fuezalida, 2016, p. 10).

- Núcleo de Pesquisa: dedica-se à análise de indicadores e dados, elaboração de diagnósticos e estudos em torno das ações culturais e dos públicos, abordando temas clássicos e contemporâneos.
- Núcleo de Formação: desenvolve encontros, palestras, oficinas e cursos de curta e média duração, como o Curso de Gestão Cultural em Contextos Tradicionais e de longa duração, (480 horas/aula e vivências), como o Curso Sesc de Gestão Cultural. Os Grupos de Estudo, enquanto *locus* de reflexão e de troca de ideias, aprofundam os conhecimentos teóricos e metodológicos de temas relacionados ao campo da cultura. Possuem ainda o caráter irradiador das análises, difundindo-as.
- Núcleo de Difusão: Para além de uma biblioteca física com 11.000 volumes no campo das humanidades, especializada em Gestão Cultural, temos a biblioteca *online*, que disponibiliza, por meio do sítio, trabalhos nacionais e internacionais de colaboradores que ministraram atividades no CPF; propicia também subsídios para a formação de gestores e pesquisadores, incluindo a Revista do Centro de Pesquisa e Formação, que em seu primeiro número trouxe o Dossiê sobre Gestão Cultural, organizado pela consultora Isaura Botelho. O segundo número, lançado em agosto deste ano teve o Dossiê sobre Ócio, Lazer e Tempo Livre, organizado pelo professor José Clerton de Oliveira e o terceiro, a ser lançado em novembro de 2016, o Dossiê Produção Cultural de Mulheres, organizado pela professora Carla Cristina Garcia.

Inserido na perspectiva de ser um centro irradiador e de diálogo de conhecimentos e experiências sobre os conceitos e práticas do fazer cultural e do aprofundamento dos debates sobre as novas formas de convívio, e por profissionais que anseiam compartilhar o cotidiano de suas vivências, o Centro de Pesquisa e Formação foi motivado pela proposta inspiradora nas ações da “Universidade de Verão”, desenvolvida na Universidade Laval, em Québec, Canadá, ações que foram apresentadas ao Sesc inicialmente por Karen Worcman, historiadora, doutora em linguística e fundadora do Museu da Pessoa, e pelo pesquisador e coordenador científico Mathieu Viau-Courville, que atua no Musées de La Civilisation de Québec desde 2011, e também editor responsável da Revista *Thema*, que reflete o fazer coletivo entre museus, sociedades e culturas, para a realização conjunta do “Workshop Internacional Espaços de Memória e Cultura”.

Com a ambiciosa aspiração de aprofundar as relações entre as instituições culturais que lidam com a memória e a produção cultural, a relação continental para a constituição do “Workshop Internacional Espaços de

Memória e Cultura” iniciou-se em 2014, com a elaboração dos compromissos e responsabilidade de cada uma das três instituições parceiras: o Musée de La Civilisation de Québec, o Museu da Pessoa e o Sesc, por meio do Centro de Pesquisa e Formação, ambos estabelecidos na cidade de São Paulo.

Os distintos conhecimentos que cada instituição parceira possui revelaram-se como um imenso reflexo dos propósitos do encontro. Ao reunir os Musées de La Civilisation (MCQ, Quebec), criados em 1988, em forma de um complexo museológico com o objetivo de compartilhar conhecimentos sem prescindir dos valores da inclusão social, da representação e da participação, que formam o núcleo de sua missão; junto ao Museu da Pessoa, que, por sua vez, baseia-se na ideia de que todo ser humano tem o direito de eternizar sua história, constituindo-se, assim, como um museu virtual, cuja missão é trabalhar para que as histórias de vida sejam fontes de conhecimento, conexão e compreensão entre as pessoas e, ainda, enredados no apoio do poder público, Secretaria da Cultura do Estado e do Município de São Paulo, o *workshop* ganhou maior espacialidade cidadina ao envolver instituições públicas que mobilizam a cultura na perspectiva da democratização de seus acervos, e nas quais a presença de público pode significar participação, debates e (re)tomadas de posição sobre as atividades desenvolvidas.

A reflexão teve o objetivo de aprofundar o sentido da cultura enquanto um campo no qual os papéis são incessantemente compartilhados e não faz sentido conceber processos apartados de produção e fruição entre os diversos atores envolvidos.

Especificamente no que diz respeito à reflexão sobre a Museologia Social, esta surgiu de um desejo de reduzir a distância entre os museus e a sociedade, e tem realizado aos poucos o *envolvimento da comunidade* e da *participação do cidadão* como objetivo central. Outro de seus desejos relaciona-se com a forma de ocupação e dimensionamento dos espaços. Assim, o espaço do museu precisa de ser transformado radicalmente a fim de favorecer o diálogo intercultural e multicultural, incentivando e empoderando a diversidade, gerando experiências sociais significativas.

Neste contexto, a *mediação cultural* tem sido fundamental para trazer a participação do público como aspecto central nas diretrizes de atuação das instituições culturais, concentrando-se principalmente sobre as formas mais eficientes das instituições melhorarem o intercâmbio de conhecimentos com o grande público através do uso da tecnologia, dos avanços no *design* das exposições e da cenografia, e ainda por meio de estudos de comportamento dos visitantes.

Diversas instituições culturais hoje, que não incluem apenas museus, mas também as do patrimônio, os centros culturais, os centros comunitários e as bibliotecas públicas, optam por desenvolver ferramentas que visem o *aprimoramento social* de suas formas organizacionais e programáticas. A ideia de criação do *workshop* trouxe para primeiro plano a abordagem sobre as intersecções necessárias, nessas instituições culturais, entre temas como *mediação cultural* e *inovação social*.

Uma das questões levantadas no *workshop* diz respeito a como museus e outras instituições culturais podem ir além de suas fronteiras disciplinares para criarem *valores sociais sustentáveis*. Muitos profissionais de museus e teóricos têm defendido que os museus possam ser facilitadores de justiça social, engajamento social e consciência ambiental. Mas quais são os instrumentos específicos prontamente disponíveis para criar esses valores sociais ou outros desejáveis? Como podem as instituições culturais abordar a inovação social? E como podemos fomentar a inovação por via da mediação cultural e do envolvimento do público?

Assim, para encaminhar essas questões, o *workshop* se estruturou por uma série de palestras baseadas em questões pertinentes ao cotidiano de atuação das instituições, oficinas participativas e trabalhos de campo, nas quais cerca de 50 profissionais/gestores culturais que integraram o processo (que possui a duração de uma semana, de segunda a sábado das 10h às 19h – totalizando 48h) examinam coletivamente os limites e as possibilidades de distintos aspectos da mediação, entre os quais o conceito da Museologia Social e os múltiplos temas vinculados a esta metodologia de atuação.



Figura 1: Sessão do *workshop* com professor Danilo dos Santos Miranda

Participaram nessas palestras teóricas pesquisadores diversos, como Mario Chagas, o basco Iñaki Arrieta Urtizbera e o canadense Jean François Leclerc, diretor do Centro de História de Montreal, na perspectiva comum de aprofundar reflexões sobre as práticas de engajamento social, o papel das curadorias dos eventos ou exposições, bem como refletir sobre os desafios enfrentados na relação dessas instituições com seus acervos museológicos e patrimoniais, num cenário de constante transformação sociocultural e ampliação participativa da comunidade e de seu entorno ao invés de passivos consumidores.

Tais evidências constituíram a realização do “Workshop Internacional Espaço da Memória e Cultura”, com dois eixos inter-relacionados em suas duas experiências, a saber: em 2015, *participação e comunidade*, e em 2016, *inovação social e mediação cultural*.

Neste envolver de instituições, cerca de 15 a cada edição, de distintas tipologias e competências (ONG, coletivos artísticos, museus de diferentes envergaduras e centros culturais, entre os quais, Museu de Arte de São Paulo, Centro Cultural da Juventude, Galeria Choque Cultural, Comunidade Cultural Quilombaque – Perus, Museu da Língua Portuguesa, Cachuera!, Grupo XIX de Teatro, Centro Cultural São Paulo, Museu da Imigração, entre outros) se estabeleceu um fórum de análise e comparabilidade das várias práticas de mediação cultural e inovação social recentemente desenvolvidas e aplicadas no Brasil, no Canadá e em outro país ou cidade convidada a ministrar uma apresentação e acompanhar as visitas de análise aos locais.

Mediação cultural é uma filosofia, mencionou Mathieu Viau-Courville, no encontro realizado em julho de 2016, e tem na Museologia Social um caminho que possibilita reduzir a distância entre os museus e a sociedade, por meio da relação com a comunidade e da participação do cidadão como objetivo central, favorecendo o diálogo intercultural e multicultural ao incentivar e contribuir para o empoderamento da diversidade, gerando experiências sociais significativas. Neste contexto, a mediação cultural tem sido fundamental para trazer a participação do público como aspecto central nas diretrizes de atuação das instituições culturais, bem como a Museologia Social, que tem suas origens nas pesquisas de Mário Caneva Moutinho, em Portugal e hoje, segundo Mario Chagas:

está comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das

comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, dos movimentos sociais, incluindo aí, o movimento LGBT, o MST e outros. (Chagas & Gouveia, 2014, p. 17)

Ao refletir sobre os resultados das avaliações dos diferentes profissionais que compõe e multiplicam essa metodologia, podemos perceber seu significado e tatear a proposta vindoura de 2017, ao compartilhar a experiência do diálogo de inúmeras ações mobilizadoras.

Desse modo, acredito que o *workshop* “Espaços de Memória e Cultura”, à guisa de articular parcerias e vivências, busca difundir as muitas possibilidades de sabotar o impossível, como a que nos trouxe o sábio José Soró, coordenador da Comunidade Cultural Quilombaque, que em Perus, periferia de São Paulo, atua com artes, meio ambiente, gestão cultural e memória do território e do trabalho em conjunto com os jovens, ao mencionar que “a nossa expertise [do coletivo] é ver e reconhecer potência onde não há nada”. São exemplos de sabedoria e de confiança que o papel da cultura possui: o de transformar vidas.

A todas as instituições e seus profissionais envolvidos, nossa gratidão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Certeau, M. (1995). *A Cultura no Plural*. Campinas: Papirus.
- Chagas, M. & Gouveia, I. (2014). Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). *Cadernos do Ceom. Unochapecó*, 27(41), 17. Retirado de <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2592>
- Fuenzalida, M. P. (2016). Perfil dos trabalhadores da cultura do DF: 2014-2015. In M. Fuenzalida, J. Costa & M. Palhares. Brasília: Athalaia.
- Gibson, W. (1999, 30 de novembro). Entrevista à NBR Interview. Retirado de <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=1067220>
- Gombrich, E. H. (1994). *Para uma história cultural*. Portugal: Gradiva.
- Ventosa, V. (s.d.). *Didáctica de la Participación. Teoría, metodología y práctica*. (título provisório no prelo).
- Viana, H. (2013, 11 de fevereiro). *O abacaxi da cultura* [Entrevista a Ivan Marsiglia publicada no jornal *Estado de S. Paulo*]. Retirado de <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,o-abacaxi-da-cultura-imp-,995433>

Citação:

Nogueira, A. de A. (2017). Centro de Pesquisa e Formação do Sesc: o papel das parcerias na composição dos saberes. In M. Gama & H. Sousa (Eds.), *Contributos do Congresso Internacional "Redes de Cooperação Cultural Transnacionais: Um olhar sobre a realidade lusófona"* (pp. 131-139). Braga: CECS.